

**IL POSTO** (O Emprego), de Ermanno Olmi, Itália, 1961, 93 min.

**Xavier Eliseu**

11º J

### **Ficha artística/técnica**

**Realização:** Ermanno Olmi **Argumento:** Ermanno Olmi **Fotografia:** Lamberto Caimi  
**Montagem:** Carla Colombo **Música:** Pier Emilio Bassi (o tema Funicoli Funicola: Luigi Denza) **Cenografia:** Ettore Lombardi **Interpretação:** Alessandro Panseri (Domenico Cantoni), Loredana Detto (Antonietta Masetti), Tulio Keizch (psicólogo/técnico), Mara Ravel (velha), Bice Meleagri, Corrado Aprile, Guido Chiti.

**Produção:** Titanus/The 24 Horses **Diretor de Produção:** Alberto Sofientini.

**Estreia em Portugal:** Cinema Roma, a 12 de julho de 1963.

[fonte: Cinemateca Portuguesa]

### **Nota biográfica do realizador**

Ermanno Olmi nasceu em 1931, em Bérgamo, no seio de uma família operária. Ainda em criança, mudou-se com os pais para Milão, onde, aos 16 anos, começou a trabalhar como mensageiro da empresa de energia Edison-Volta. Inspirado pela obra do grande realizador italiano Roberto Rossellini, iniciou a sua carreira no cinema como chefe do recém-criado departamento de cinema documental da empresa Edison Volta, destinado a produzir filmes institucionais e industriais. Como documentarista, realizou cerca de quarenta filmes antes de se estreiar na ficção com “Il Tempo Si è Fermato” (1959). Entre o final da década de 1950 e 2014, assinou mais de trinta longas-metragens, consolidando-se como uma das vozes mais singulares e humanistas do cinema italiano. Ao longo da sua carreira, foi distinguido com alguns dos mais prestigiados prémios do cinema mundial, entre os quais a Palma de Ouro do Festival de Cannes, pelo filme “L’Albero degli Zoccoli” (1978), e o Leão de Ouro do Festival Internacional de Cinema de Veneza, por “La Leggenda del Santo Bevitore” (1988). Ermanno Olmi faleceu em Asiago, em 2018.

### **Sinopse**

“Il Posto” acompanha a história de Domenico Cantoni, um jovem recém-saído da escola que procura o seu primeiro emprego numa grande companhia de Milão. Durante o processo de seleção, conhece Antonietta, uma rapariga que, como ele, sonha com um futuro melhor. Entre ambos nasce uma tímida afeição, rapidamente interrompida quando Domenico é contratado como estafeta e colocado num departamento diferente do de Antonietta. Separados pelo quotidiano impessoal da empresa, a relação entre os dois vai-se diluindo, enquanto Domenico mergulha na monotonia do mundo do trabalho. À medida que se adapta à nova rotina, vai conhecendo as figuras que povoam aquele universo cinzento e mecânico: o diligente chefe Sartori, o “estafeta-mor”; o homem do peixinho dourado; o casal de idosos que o acompanha na festa de Ano Novo da companhia; os datilógrafos exaustos – o escritor frustrado, o homem da lâmpada fundida, o funcionário adormecido no fundo da sala, e Carletti, o cantor que ainda conserva o vozeirão da juventude. Entre a esperança e a resignação, Il Posto desenha o retrato de uma geração que é confrontada com a rigidez do mundo do trabalho industrial e a lenta perda dos sonhos juvenis.

## **Comentário**

É interessante notar que, ao longo da narrativa, Domenico se mantém uma figura muito distinta dos seus colegas, alheio ao conformismo e à rigidez daquele estilo de vida. Muito jovem, vemos nos seus olhos – nos olhos de Sandro Panseri – uma inocência e uma candura que revelam uma ilusão juvenil sobre a vida, em nítido contraste com o ambiente mecânico e impessoal que o rodeia. Essas qualidades desvanecem-se, contudo, na cena final, quando o jovem, recém-promovido, ocupa o seu novo lugar no fundo da sala de datilografia. O silêncio pesado é interrompido apenas pelo som ritmado da máquina de stencil, que, como um metrônomo, marca a pulsação daquela existência cinzenta e rotineira, que transforma o homem em máquina. No plano final, a câmara aproxima-se lentamente do rosto do protagonista e, nos seus grandes olhos ainda pueris, entrevemos a súbita tomada de consciência relativamente ao seu destino dentro da empresa: ele está condenado a ser mais um.

Xavier M. Eliseu